

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP Class.: Extraativismo 20Data: 04/04/93 Pg.: 3*O preço da borracha*

O governo federal anunciou quarta-feira mais um reajuste de preço para a borracha. Sob pressão de seringueiros da Amazônia que foram a Brasília mostrar às autoridades o estado de penúria em que se encontram milhares de famílias, que já não têm quase o que comer e vestir, Eliseu Resende, como num passe de mágica, divulgou que a tonelada de borracha bruta, em bola, passaria a valer Cr\$ 20,9 milhões, com reajuste da ordem de 56,6%.

Ressalte-se que está em mãos do presidente da República, Itamar Franco, desde o final de fevereiro, extenso relatório preparado pelos representantes do setor da borracha — tanto produtores quanto industriais —, no qual os problemas mais graves são apresentados com argumentos cristalinos. No documento, são apontadas as soluções que o governo pode e deve

adotar no curto prazo para evitar o quadro sombrio que se delineia.

Não é segredo para ninguém — especialmente para o Ministério da Fazenda — que governo e produtores concordaram há dois anos em que o preço da borracha natural seguiria a variação cambial. Ocorre que, do lado oficial, especialmente depois de o presidente Itamar Franco ter assumido, o acordo foi e continua sendo desrespeitado, a ponto de hoje a diferença entre o preço da borracha e a variação do câmbio estar beirando a casa dos 40%.

Até anteontem era de 90%.

Afora a questão do preço, que o Ministério da Fazenda não reajusta com a frequência e aos níveis necessários, o governo também não faz respeitar o contingenciamento. Pelas normas vigentes — que deveriam ser controladas pelo Instituto do Meio Ambiente

(Ibama) — os industriais devem comprar no mercado interno uma parte da matéria-prima que utilizam em suas empresas. Até quarta-feira, essas compras deveriam ser de 35% e, naquela data, passaram para 60%. Ao longo do tempo, o que se tem observado, entretanto, é uma burla constante às regras, por intermédio de notas fiscais frias, fato freqüentemente denunciado pelos produtores. Assim, com preços deprimidos e com o mercado aviltado pelo desrespeito ao contingenciamento, o setor vai-se esvaindo e os problemas sociais se tornando cada vez mais graves.

Estatísticas em poder da Sociedade Rural Brasileira mostram que em 1985 cerca de 70 mil famílias trabalhavam nos seringais nativos e, hoje, este número está reduzido a 28 mil. Antes, segundo a mesma fonte, os seringueiros da Amazônia conseguiam vi-

ver na floresta e dela tirar sustento. Em dez anos, o quadro social agravou-se tanto que hoje há famílias morando na mata e que só não migram para as cidades, como fizeram outras, porque simplesmente não têm o que vestir e têm vergonha de chegar em pélo aos centros urbanos. Nos seringais cultivados, a situação não é muito diferente: em sete anos, a área plantada caiu 16% e suprimiram-se 20 mil empregos.

São evidências como essas que fizeram o Banco Mundial projetar um quadro sombrio para a borracha brasileira no ano 2000, quando, segundo a entidade, o Brasil produzirá apenas 56 mil toneladas de borracha, suficientes para atender 18% do consumo, tendo de importar o restante e gastar nada menos que US\$ 700 milhões em divisas. Isso sem considerar o lado social do problema.